

NOVA ECONOMIA ou NOVA ENGENHARIA ?

Fundamenta-se a “Nova Economia” na aceleração vertiginosa do desenvolvimento tecnológico e, este, nos resultados práticos “engenhairados” nas cadeias econômico-industriais produtivas intensivas. No vértice do processo numa visão síntese e prática está a Engenharia.

Outros atores participam como importantes e necessários coadjuvantes. Eles aplicam-se nas conseqüências das diferentes e complexas questões e relações administrativas, jurídicas, fiscais etc... já que o processo & método tecnológico regula a si mesmo, ele possui e depende fundamentalmente da métrica (unidades, medidas, dimensões) que cria e confirma e consolida.

A natureza do processo tecnológico requer a definição de limites de tolerância, isto é nativo ou natural, cumprir com rigor as condições da segurança. Ele mesmo exige e cria as normas e padrões, valida, certifica, garante, satisfaz, conserva, mantém, aperfeiçoa, inova, substitui, e proporciona as ferramentas, os meios e os recursos. E destes todos os demais atores se utilizam.

A escalada da demanda dos coadjuvantes decorre das “querelas” produzidas pelas relações humanas, comerciais, industriais e políticas. Exagerando, sem produtos, bens e serviços, sem processos, sem demandas e sem as necessidades construídas pelos avanços da civilização não existiriam as disputas, os conflitos e os confrontos e até mesmo as guerras careceriam de explicação por falta de objetivos.

Numa imagem extrema e usando jargão peculiar, reduzidas ou eliminadas as questões basilares, reduzem-se ou eliminam-se os campos de atuação dos fatores coadjuvantes, e portanto eles próprios.

Na verdade a questão é outra, maciços recursos, investimentos, apoios, incentivos, fomentos, capital de risco, impostos, etc... suportam as pesquisas aplicadas e criam as necessárias condições do e para o desenvolvimento de métodos e processos industriais obedientes às estratégias globais, predominantemente concebidas pelos “players” dominantes; aqueles que já alcançaram o estágio e a capacidade de inovar e influenciar vigorosamente as novas feições da Sociedade. Neste processo opera-se a dependência da demanda de formação dos necessários recursos humanos, da educação, formação, treinamento, capacitação, aperfeiçoamento e da imprescindível infra-estrutura.

O rol de produtos e o ritmo dos sucedâneos, continuamente melhorados, confirmam o paradigma da Sociedade do Conhecimento. Neste cenário predominam as pesquisas aplicadas e dele emergem as inovações. Numa visão ampla, fatores como intensidade, complexidade, velocidade, abrangência são rapidamente interpretados pela tecnologia e devidamente engenhairados. O processo geralmente começa nas bancadas dos centros de pesquisas demandados por necessidades e empenho pessoal. Concebe-se e cria-se no ambiente “scale down” e os sucessos comprovados migram das bancadas para as linhas de produção-“scale up”, e destas para os mercados planetários.

Pobres dos que perderem o passo, inexoravelmente serão colonizados pela Sociedade da Informação e do Conhecimento. Convenhamos que não podemos perder tempo! Todos devemos e precisamos rapidamente superar as pequenas diferenças internas se comparadas às forças que alimentam os magnos problemas que se anunciam.

Estruturas industriais e comerciais tempestivamente já operam com técnica e logística industrial na dimensão planetária. Desenvolveram e testaram a cultura e interpretam o mercado, muitas mantêm estruturas próprias de pesquisas aplicadas. Seus produtos, bens e serviços incorporam e empacotam as conquistas efetuadas e os fazem presentes nas prateleiras e vitrines do mundo para ávidos consumidores.

A reunião e sustentação inteligente de dons, talentos e competências, sob condições favoráveis, “empowerment” alinha vocações e potencialidades, identifica valores e liberta as forças criadoras que podem projetar e construir o melhor porvir. Ele vem no bojo das inovações e da notável e reconhecida capacidade empreendedora proporcionada pelo novo paradigma.

A gestão estratégica dos recursos humanos e do trabalho compartilhado de equipes de alto desempenho e excelência, auxiliará na superação dos obstáculos, dos óbices e das barreiras; a divisão do trabalho e das responsabilidades, com determinação objetiva e severa disciplina, conduzirá o cumprimento das metas escolhidas no rumo do sucesso, cidadania responsável e desenvolvimento harmonioso, consolidam o progresso, definem a soberania, a segurança e a independência das nações.

A análise deste tema explicita para os Estadistas a questão da Soberania Nacional, revela como a tecnologia e a Engenharia embasam a segurança e o futuro da independência & interdependência das nações.

Com liberdade, mesmo sob grandes pressões, são as forças criadoras, eclodem e se reconhecidas, prestigiadas e recompensadas atuam e produzem os resultados práticos, que geram a escala do retorno financeiro e que, por sua vez, retro-alimenta a cadeia da Inteligência e suporta a “Nova Economia”, e que reafirmo caudatária da Nova Engenharia.

Qualidade de vida, Bem estar e Estar Bem, geração de renda, estímulo ao lazer com desenvolvimento e progresso pessoal e coletivo, dependem de infra-estrutura, de produtos, bens e serviços e estes são resultantes diretos da aplicação prática do melhor Conhecimento.

Afirmamos, quando os fatores acima estiverem conscientemente subordinados e suportados pela Sociedade como um todo, o paradigma da Sociedade do Conhecimento mudará para o da Sociedade da Sabedoria.

Com sua “Nova ENGENHARIA” o Brasil se destacará na arena globalizada, e poderá enfrentar em igualdade de condições os aguerridos e intrépidos novos conquistadores, será mais justa a estimuladora luta da competição e da competitividade no exercício da sua Soberania.

Não consigo enxergar outro caminho na atual conjuntura e com seus prognósticos de futuro.

Cabe ao governo, cabe àqueles que outorgamos autoridade, exercerem com probidade suas atribuições legais e promoverem as tempestivas medidas impulsionadoras do progresso e do desenvolvimento nacional, eles são responsáveis pela produção e organização das Políticas Públicas compromissadas com o destino do Brasil, ao invés de asfixiarem os empreendedores com políticas inadequadas e suicidas, devem sim e sem perda de tempo, contribuir para o bem comum e para proporcionarem condições do país alcançar o merecido lugar que já deveria estar ocupando no concerto das nações “ditas desenvolvidas”.

Cabe à eles em princípio e, à Sociedade como um todo, prestigiarem a sua tecnologia e a sua Engenharia, prestigiarem os profissionais que projetam e constroem o futuro, até mesmo por necessidade de altiva e segura sobrevivência como Nação Livre.

Acad. Paulo Bancovsky
Presidente da ANE
Junho 2007